

**“EU NÃO QUERO VIVER INUTILMENTE:
É A MINHA OBSESSÃO”**

**Notas da palestra de Julián Carrón
na Jornada de Início de Ano dos Colegais**

Milão, 4 de Outubro de 2013

Razón de vivir

Liberazione n. 2

La strada

Alberto Bonfanti. Em primeiro lugar quero dar as boas-vindas, sem formalidades, a todos vocês aqui presentes e a todos aqueles que estão ligados via satélite em setenta cidades na Itália e também na Espanha. Não é formalidade, porque a sinceridade e a lealdade com que vocês vivem e falam de vocês mesmos, como se percebe até das suas contribuições, demonstra que, se estão aqui, se estamos aqui, é porque esperamos alguma coisa: que aquele princípio de resposta que encontramos possa crescer, possa se tornar cada vez mais uma experiência cotidiana. É sempre comovente e edificante ler suas contribuições, porque testemunham frescor, lealdade e sinceridade ao colocarem as perguntas mais verdadeiras, sem reticências. Escrever essas contribuições é uma ajuda para julgarem o que vivem, para olharem para a experiência de vocês e, portanto, para vencerem tantos medos que muitas vezes nascem, justamente, como escreveu a nossa amiga Debora, de “não olhar para a experiência”.

Agradeço ao nosso amigo padre Carrón, que também este ano quis nos acompanhar de uma maneira especial neste princípio do ano [*refere-se ao ano escolar na Itália, que teve início em setembro*] porque, como já nos disse no ano passado, o início nos coloca sempre diante de questões decisivas da vida. Acho que posso dizer que no ano passado fomos todos marcados por aquele desejo, por aquela exigência de afeição por nós mesmos que você descreveu em outubro passado, e sem a qual vivemos como se nos faltasse o chão debaixo dos pés. Tivemos a experiência de que esta afeição por nós mesmos nasce de acolher e de reconhecer uma presença, uma pessoa que temos diante de nós; que nasce e cresce através do encontro com um olhar cheio de afeição pela nossa pessoa, pelo nosso destino. É esse olhar que nos permite ver melhor a nós e a realidade, como dissemos no encontro do Tríduo Pascal citando Santo Agostinho, que, falando do encontro de Zaqueu com Jesus, disse: “Ele foi olhado e então viu” (Santo Agostinho, *Discurso 174*, 4.4). Como documentam suas contribuições, daqui nasce, de forma corajosa, a exigência de contemporaneidade

deste olhar. “Como sentir-se sempre abraçado, compreendido, amado assim?”, escreve um de vocês. “Eu quero experimentar esse abraço a cada instante”, diz outra; “desejo que este amor seja constatável” porque, como escreve outra amiga nossa, citando o filósofo francês Hadjadj, “o amor mais profundo implica uma dimensão tátil”.

Sem a experiência presente deste amor a vida torna-se inútil. Mas nós recusamos esta inutilidade, não a toleramos, como escrevemos na frase do convite para este encontro. Sem este olhar amoroso vence o tédio, vence a “*dor de viver*”, como nos diz a Cecília. Mas também nós, embora tocados pela experiência deste olhar, em determinados momentos, em determinadas relações, sem a experiência da contemporaneidade desta afeição, recaímos no tédio, de maneira que a nossa vida, como o padre Medina sutilmente nos lembrou no Tríduo Pascal, oscila continuamente entre momentos em que vivemos tudo com grande alegria e outros em que só nos lamentamos, como escreveu a Caterina.

Em suma, na cotidianidade da vida que é o estudo, a relação com os professores, com os amigos, com os pais, os nossos interesses, as nossas paixões, estamos muitas vezes – como você, Julián, nos disse na sua saudação no Tríduo – “emaranhados em meio às mudanças de estado de espírito, travados nas nossas reações” (30 de março de 2013). Mas também nos disse: “Desejo que vocês jamais fiquem presos na aparência das coisas e que acolham incansavelmente aquele ímpeto sem trégua que é o maior aliado de vocês na aventura da vida. Cristo se fez homem, morreu e ressuscitou para permanecer na história junto a nós e para sustentar esse nosso aliado”.

Então, favorecer este ímpeto sem trégua é o caminho para crescer na experiência de ser olhados e abraçados; favorecer este ímpeto sem trégua é o caminho a fazer para que a vida não seja inútil e não caia no tédio. Por isso, lhe perguntamos: como favorecer o ímpeto de realização, de felicidade, que não nos dá tréguas? Como não viver inutilmente?

JULIÁN CARRÓN

EU TAMBÉM NÃO QUERO VIVER INUTILMENTE: A “DOR DE VIVER”

Olá a todos. Estou contente por poder partilhar com vocês, também desta vez, a parte do caminho que o novo ano nos apresenta. Há uma ligação profunda entre as duas perguntas que o Albertino fez: “Como favorecer o ímpeto de realização, de felicidade, que não nos dá tréguas?” e “Como não viver inutilmente?”. Todos intuimos que só conseguimos não viver inutilmente se favorecermos este ímpeto, este ímpeto que encontramos em nós, como escreve um de vocês: “Quando soube o título da Jornada de Início senti-me muito provocado. Eu também não quero viver inutilmente. Esta é a urgência mais forte que experimento a cada dia: a necessidade de que a minha vida seja uma aventura fascinante”. Essa é a mesma urgência que todos os grandes homens da

história também sentiram. Um deles, Cesare Pavese, exprime-a assim: “Não há nada mais amargo / que a inutilidade. [...] A lentidão das horas / é impiedosa, para quem não espera mais nada” (Pavese, C. *Lo steddazzu*. In: Pavese, C. *Le poesie*. Torino: Einaudi, 1998, p. 104). Por isso, é que Dom Giussani, com toda a sua humanidade, com aquela humanidade que sentia vibrar dentro de si, não conseguia evitar dizer aquilo que escolhemos como título para o nosso início: “Eu não quero viver inutilmente: é a minha obsessão” (Giussani, L. *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*. Cinisello Balsamo-Mi: San Paolo, 2007, p. 33).

Como podemos enfrentar esta aventura de modo a não vivermos inutilmente? O que pode nos ajudar mais nesta aventura, nesta urgência de não viver inutilmente? Uma de vocês escreve: “Nestes dias, relendo a mensagem que nos enviou por ocasião do Tríduo, impressionou-me a frase em que diz: ‘Desejo a vocês [...] que favoreçam incansavelmente aquele ímpeto sem trégua que é o seu maior aliado na aventura da vida’. Reparei que esta frase decifra toda a minha experiência deste último ano, em que tive realmente muitos altos e baixos: afastei-me muitas vezes e depois voltei. A coisa mais impressionante é que aquilo que me fez voltar sempre para os Colegiais não são os amigos, ou os pais, ou os professores; foi sempre o ímpeto do meu coração que me fez voltar, porque o meu coração sabe o que lhe corresponde, o meu coração é propriamente o maior aliado que tenho para viver. E é por isso, que já não posso ter medo”, porque apesar de ter altos e baixos, apesar de eu às vezes me afastar, de às vezes achar estranho o que me é proposto, o coração sabe o que lhe corresponde. Por isso, eu lhes havia dito que temos em nós o maior aliado, basta dar-lhe crédito, porque o coração grita, grita muito mais que qualquer ruído à nossa volta; e todos os nossos esforços – de cada um de nós e da sociedade – para calá-lo são inúteis, porque o coração, mesmo no meio do ruído permanente com que tentamos nos distrair, fica constantemente ali gritando o que lhe corresponde, e não há nada que possa fazê-lo calar. Por vezes, também, a vida coloca diante de nós pessoas que realmente levaram a sério esse coração.

Impressionou-me, em julho, preparando os Exercícios dos *Memores Domini*, me deparar com a figura de Maria Madalena, no dia da sua festa. A Liturgia da Igreja, para nos introduzir à contemplação desta mulher, apresentava-nos uma passagem de um livro do Antigo Testamento, o *Cântico dos Cânticos*, que descreve o que era a vida para alguém que não queria viver inutilmente – poderíamos dizer hoje –, de modo que seguia constantemente o ímpeto de realização que tinha dentro de si: “Em meu leito, durante a noite, procurei o amor da minha alma; procurei-o e não o encontrei. Vou levantar-me, vou rondar pela cidade, pelas ruas, pelas praças, procurando o amor da minha alma. Procurei-o e não encontrei. Encontraram-me os guardas que rondavam a cidade: Vistes o amor da minha alma?” (*Ct* 3,1-3).

Escutando esta passagem, disse a mim mesmo: como eu gostaria de ter um pouco da paixão que vibra nesta mulher! De fato, Maria Madalena testemunha o coração que cada um de nós desejaria ter no mais fundo do seu ser, já que o eu de cada um de nós é esta busca de um amor que nos sustente perante os desafios da vida. E desafios temos muitos, meus amigos, e são enormes! O último é de hoje mesmo: quantas crianças e jovens como vocês, com centenas de adultos, perderam a vida na tragédia de Lampedusa! Um fato desses não pode deixar de abalar cada um de nós.

Por isso, o nosso coração não desiste jamais de sentir a urgência de um significado, até por causa do que aconteceu hoje. Por quê? Que sentido tem? Muitas vezes o nosso coração sente-se pequeno, impotente, para responder a estas tragédias. E perguntamos: teremos alguma coisa que possa ficar firme, que possa dar significado, que possa manter-se de pé diante de circunstâncias como estas que temos de enfrentar?

Na festa de Maria Madalena o Evangelho que se leu era precisamente o da Páscoa: “No primeiro dia que se seguia ao sábado, Maria Madalena foi ao sepulcro, de manhã cedo, quando ainda estava escuro”. O que foi que moveu aquela mulher para não conseguir ficar na cama e pôr-se a caminho quando ainda estava escuro? A urgência que sentia dentro de si lhe impedia de ficar em casa tranquilamente. E então correu ao túmulo, “Viu a pedra removida do sepulcro. Correu e foi dizer a Simão Pedro e ao outro discípulo a quem Jesus amava: ‘Tiraram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram!’ [...] Entretanto, Maria se conservava do lado de fora perto do sepulcro e chorava”. Também ela teve de enfrentar não pequenos desafios; o maior que teve de enfrentar foi quando morreu a pessoa mais significativa da sua vida, Jesus, que ela havia seguido, junto a outras mulheres, para ajudá-Lo ao longo da vida, como diz o Evangelho. Maria teve de enfrentar a Sua morte. Portanto, para ela era normal chorar, e nós podíamos dizer: “É a vida”. Sem encontrar uma presença, a presença amada, todas as manhãs seriam de fazer chorar. Depois podemos nos distrair ao longo do dia, mas a nossa vida continua a ser uma coisa de fazer chorar se cada um de nós não encontra o amor que torna a sua vida cheia de significado, de intensidade, de calor.

Mas nessa altura acontece o imprevisto: “Chorando, [Maria Madalena] inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Eles lhe perguntaram: ‘Mulher, por que choras?’. Ela respondeu: ‘Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram’. Ditas estas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não O reconheceu. Perguntou-lhe Jesus: ‘Mulher, por que choras? Quem procuras?’ [A mulher podia ter respondido: “Procuro o amor da minha alma, procuro a presença que possa preencher a vida”]; é Por isso, que a Igreja nos introduz à festa de Maria Madalena com aquela passagem do *Cântico dos Cânticos* que fala precisamente desta procura]. Supondo ela que fosse o jardineiro, respondeu: ‘Senhor, se tu O tiraste, dize-me onde O puseste e eu O irei buscar’. Disse-

lhe Jesus: ‘Maria!’. Voltando-se, ela exclamou em hebraico: ‘Rabúni!’ (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: ‘Não me detenhas, pois ainda não subi para junto do Pai. Vai a meus irmãos e diz-lhes: subo para o Meu Pai e Vosso Pai, Meu Deus e Vosso Deus’. Maria Madalena correu [imediatamente] para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que Ele lhe tinha falado” (Jo 20,11-18).

Nesta passagem temos a resposta às perguntas que mais urgem na nossa vida: como podemos enfrentar os desafios da vida? Como viver face aos desafios que a vida não nos poupa? O que podemos fazer para que a nossa vida não seja inútil? O que estamos fazendo no mundo? Só respondendo à primeira pergunta de Jesus: “Mulher, por que choras? Quem procuras?”, ou seja, só encontrando a presença que cada um procura, que responde ao pranto, que responde à urgência de significado, que responde ao desejo de sentido, é que Maria, quando O encontrou, teve logo algo a comunicar, a ir dizer a todos os outros: “Vi o Senhor!”.

Nós vemos que temos de enfrentar esses desafios constantemente. Uma de vocês me escreve: “O que vou lhe contar pode se resumir numa simples frase: sinto dor de viver. Para entender as razões deste meu mal-estar vou lhe contar brevemente o que aconteceu no ano passado, incluindo as férias [quando uma das suas melhores amigas se mudou para o exterior]. Eu andava inquieta, ia aos encontros e, quanto mais ia, mais me parecia estar cercada por uma série de moralistas que viam a Deus em toda a parte, começava a sentir-me como peixe fora da água e então decidi afastar-me dos amigos de CL; na verdade, nem sequer fui às férias de verão. Começa o verão e é claro que me diverti, mas um divertimento muito superficial e que, contudo, durante três meses inteiros, colocou de lado aquela minha dor de viver, que voltou com o início das aulas [o início das aulas é sempre o teste do que fizemos durante o verão; pode-se tentar esquecer isso, mas regressam as aulas, regressa a vida com as suas urgências]. Nos primeiros dias foi um trauma, não tanto pelo fato de ter que ir à escola, mas pelo fato de ter dentro de mim uma tristeza infinita e uma necessidade absurda de ser amada. [Depois] decidi ir à reunião. E aí começam com uma canção de Chieffo que descrevia perfeitamente a minha situação, e resolvi contar isto, pedindo inclusive às pessoas, que uns meses antes eu tinha acusado de serem moralistas, que me ajudassem e ficassem perto de mim. Foi impressionante, porque já faz alguns dias que me sinto olhada com aquela atenção que eu tinha pedido. Agora não posso dizer que sou inteiramente feliz, mas também não estou inteiramente triste”. São esses desafios, junto com a dor de viver, aquilo que, como Maria Madalena, cada um tem de enfrentar; podemos tentar nos distrair por um tempo, mas o coração não cede, com o coração não se pode brincar.

Por isso, é uma grande consolação para cada um de nós aquilo que aconteceu a uma pessoa, a uma mulher desconhecida como Maria Madalena, porque nos ajuda a entender que não há nenhuma

condição prévia, que não é necessário estar à altura de nada, que não é preciso ter dotes especiais para procurá-Lo. Inclusive, esta busca pode estar quase escondida no íntimo do nosso ser, debaixo de todos os detritos do nosso mal ou do nosso esquecimento, mas nada pode evitá-la, tal como ninguém podia impedir aquela mulher de procurar o amor da sua alma. Para surpreender em nós mesmos esta tensão não precisamos de mais nada a não ser essa “moralidade original”, ou seja, essa abertura total, essa coincidência total conosco mesmos, desse não distanciamento de nós mesmos que levava aquela mulher a dizer: “Durante a noite, no meu leito, busquei o amor da minha alma”. É a mesma abertura original que podemos identificar em tantos personagens do Evangelho: são todos uns pobres coitados como nós, mas ninguém consegue impedi-los de procurá-Lo, como Zaqueu, que sobe na árvore todo curioso por ver Jesus, ou a Samaritana, toda sedenta e desejosa da única água que pode saciar a sua sede.

Diante destes personagens do Evangelho não há desculpas: são todos uns pobres coitados como nós, mas todos são impelidos a procurá-Lo, todos são definidos pela procura de alguma coisa, pela procura d’Ele, pela paixão por Ele. É uma paixão que nos desarma de todas as nossas justificativas, atrás das quais nos escondemos para não O procurarmos. Imaginem o que terá acontecido quando Zaqueu, Mateus, Madalena se sentiram chamados pelo nome. É disso que nós também precisamos. “Frequento o último ano do Ensino Médio. No fim de semana seguinte aos primeiros dias de aula, estivemos juntos com o professor e os amigos. Havia dias em que me levantava de manhã e me sentia vazio. Nesta agitação, nesta tempestade, preciso de um ponto firme. Agora que me levanto de manhã, de que me serve? Eu espero de novo, e de novo, que o Seu rosto ressurja.” Mas quando há um momento de escuridão, como ainda podem ajudá-los todas as experiências que fizeram? Como se apresenta para vocês aquele Rosto em cada manhã? Como tornar aquele Rosto cada vez mais familiar? É precisamente o que às vezes nos acontece, como a Maria. Maria Madalena também tinha visto muitos milagres, também tinha visto Jesus fazer muitas coisas incríveis, mas diante da Sua morte chora. Do que ela tem necessidade? Do mesmo que nós: “Espero que o Seu rosto ressurja”. E é exatamente isso que acontece.

UMA PRESENÇA QUE NOS CHAMA PELO NOME

“Maria!”. Como não terá vibrado toda a humanidade de Jesus para poder dizer o seu nome com um tom, com uma inflexão, com uma intensidade, com uma familiaridade tais que Madalena O reconheceu logo, quando apenas um minuto antes O tinha confundido com o jardineiro. “Maria!”. É como se toda a ternura do Mistério que nos fez, chegasse àquela mulher através da vibração da humanidade de Jesus ressuscitado, agora sem véus, mas nem por isso menos intensa, aliás, com toda a humanidade de Jesus ressuscitado vibrante pelo fato de que aquela mulher existe. “Maria!”.

Então se compreende melhor do que nunca, nesse momento ela compreendeu quem era. Conseguiu compreender quem era porque Ele, Jesus, fez vibrar toda a sua humanidade (de Maria) até fazê-la sentir uma intensidade, uma plenitude, uma superabundância que nunca teria podido imaginar antes, e que só conseguia atingir na relação com Jesus. Sem Ele nunca teria podido saber quem era nem o que podia ser e se tornar a vida, quanta intensidade e quanta plenitude podia atingir a vida.

Amigos, o que é o cristianismo senão a presença de Jesus totalmente vibrante pelo destino de uma mulher desconhecida, que lhe faz perceber o que Ele trouxe, o que Ele é para a vida? Que tipo de novidade entrou na história através do modo como Cristo o comunica! Jesus não nos fez entender o que é o cristianismo nos dando uma aula, ou nos dando uma lista de coisas a fazer, mas dizendo a uma mulher: “Maria!”. É esta comunicação do ser, de “mais ser”, de “mais Maria” que revela àquela mulher quem é Jesus. Não foi uma teoria, ou um discurso, ou uma explicação, mas sim um acontecimento o que tocou todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, entraram em relação com Jesus e que os Evangelhos, na sua simplicidade desarmante, comunicam da forma mais simples que existe, simplesmente pronunciando o nome: “Maria!”, “Zaqueu!”, “Mateus!”, “Mulher, não chores!”. A comunicação de Si por parte de Jesus deve ter acontecido neles com tal força que transformou a vida deles, a ponto de não poderem mais dirigir-se a nada, olhar a realidade ou a si mesmos senão investidos por aquela Presença, aquela voz, aquela intensidade com que fora pronunciado o nome deles. Nós entendemos isso quando, gostando muito de alguém, nos surpreendemos por tal presença ser decisiva para cada um de nós, para todos nós; pensem, então, que novidade não terá trazido Jesus para abalar tão fortemente a vida daqueles que O encontravam!

Compreende-se, então, o choque que percorre cada página do Evangelho diante de uma experiência como a do encontro com Cristo. Nós, infelizmente, já nos habituamos a estes relatos e não acusamos, muitas vezes, o contragolpe; já é tudo óbvio, tudo sabido! Mas vemos que não é necessariamente assim quando um homem como o Papa Francisco nos testemunha hoje o seu maravilhamento quando, por exemplo, falando da sua vida, diz: “A síntese melhor, aquela que me vem mais de dentro e que sinto mais verdadeira, é exatamente esta: ‘Sou um pecador para quem o Senhor olhou’. [...] ‘Sou alguém que é olhado pelo Senhor’” (“Entrevista com o Papa Francisco”, por Antonio Spadaro, *La Civiltà Cattolica*, III/2013, p. 451).

Todo o acontecimento, a modalidade única de relacionar-se com o outro, de um “Eu”, Jesus, que entra em relação com um “tu”, Maria, fazendo-a ser ela própria, aquele “Maria!” que perturba aquela mulher, a ardente paixão que a invadiu, vê-se na modalidade com que ela responde: “Mestre!”. Na essencialidade com que conta os fatos no Evangelho, São João escreve: “Ela voltou-se” ao ouvir o seu nome. A conversão é isso. Nada a ver com moralismo! A conversão é um reconhecimento: “Mestre!”. É a resposta ao amor de Alguém que, dizendo o nosso nome com uma

intensidade afetiva nunca vista, nos faz descobrir que somos nós mesmos. Reconhecê-Lo é a resposta a esta paixão de Alguém por ela, que desperta toda a capacidade afetiva de Maria Madalena.

É sob o impacto desta comoção, desta afeição, que Maria se dirige a Jesus com aquela paixão com que diz: “Mestre!”. A resposta de Maria irrompe daquela comoção única que Jesus provocou nela. Por isso, a conversão é algo diferente, que não tem a ver com moralismo ou um esforço a realizar, mas é simplesmente a resposta cheia de afeição por Alguém que diz o nosso nome, para quem nos voltamos – como Madalena – para não perdê-Lo; adere-se e nunca mais queremos nos afastar d’Ele.

Mas a comoção que aquela mulher sentiu, que primeiro estava na humanidade de Jesus totalmente vibrante de paixão pelo destino daquela mulher, e que Se fez carne para Se comunicar através da Sua carne, através da Sua comoção, através do Seu olhar, através da Sua maneira de falar, através do Seu tom de voz, essa é a novidade, amigos, que entrou na história e que hoje, como ontem, cada um de nós no fundo, no fundo, espera. Anos atrás Dom Giussani dizia: “O homem de hoje espera talvez inconscientemente a experiência do encontro com pessoas para as quais o fato de Cristo é realidade tão presente que a vida delas mudou. O que pode abalar o homem de hoje é um impacto humano: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: ‘Zaqueu, desce depressa, vou a tua casa’” (Giussani, L. *L’avvenimento Cristiano*. Milano: Bur, 2003, p. 24).

Esse mesmo acontecimento também investiu a nós que estamos aqui esta tarde. Foi por meio da pessoa de Dom Giussani ou daqueles que o conheceram, que esse acontecimento, o eco do acontecimento inicial nos alcançou; chegou até nós por meio da sua humanidade e da sua vibração por Cristo de que nós fomos testemunhas, tanto é assim que não estaríamos aqui se não tivéssemos sido arrebatados pelo modo como ele nos comunicou Cristo. Ficaríamos mais conscientes do que ocorreu no encontro com Dom Giussani lendo a sua biografia (*Vita di Don Giussani; apenas em italiano*), que agora está à nossa disposição e que se bobear vocês já começaram a ler. Foi Dom Giussani quem fez chegar até nós a vibração que atingiu Maria, a mesma de então, não “como” a de então, mas “a” de então, a mesma de então, amigos; o mesmo acontecimento que atingiu Maria chega agora até nós. Cada um olhe para a sua experiência, para o seu encontro com esta diversidade humana que nos fascinou, para ver surgir, exatamente aí, o primeiro despontar do desejo de pertencer a Cristo. Na verdade, se nós não o tivéssemos encontrado deste modo, não estaríamos aqui, porque não existe outra fonte do desejo de pertencer a Cristo, a não ser a experiência de um cristianismo vivido como acontecimento, agora, do encontro com alguém que diz o seu nome. E só isso bastou para nos dar uma vontade louca de ser “Seus”, de Lhe pertencer, de não perder o que

significa Cristo para a vida, de não perder aquela intensidade, aquela vibração e plenitude que a relação com Jesus introduz na vida. Dizia Dom Giussani: “O que é o cristianismo senão o acontecimento de um homem novo que, por natureza, se torna um protagonista novo na cena do mundo?” (Giussani, L. *L'avvenimento Cristiano*. Milano: Bur, 2003, p. 23).

A SUA PRESENÇA NOS LANÇA NA AVENTURA DO CONHECIMENTO

Portanto, só se uma Presença assim tão poderosa invade a nossa vida é que já não precisamos nos defender da realidade, nos defender dos golpes das circunstâncias para poder viver. Mas muitas vezes estamos tão feridos pelo embate com as circunstâncias (pensemos no que aconteceu hoje em Lampedusa) que se bloqueia o caminho do conhecimento, e então tudo se torna verdadeiramente sufocante, porque é como se víssemos a realidade apenas pelo buraco da nossa ferida. Como Maria Madalena, que olhava a realidade através do seu pranto e não via mais nada: nem reconhece Jesus! Por isso, aparece Ele, chama-a pelo nome e assim recomeça a partida, permite-lhe reconhecê-Lo, começar a ver a realidade de maneira diferente, porque a Sua presença é mais poderosa que qualquer ferida, que qualquer pranto; e então se escancara de novo o olhar para poder ver a realidade na sua verdade. “Foi olhado [Zaqueu] e então viu”. Como seria diferente a vida, amigos, se cada um de nós deixasse entrar aquele olhar, fosse qual fosse a nossa ferida, a nossa dificuldade! O que nós necessitamos é o que cantamos no início: “Para continuar a caminhar ao sol por estes desertos, para reafirmar que estou vivo no meio de tantos mortos, [...] só preciso que estejas aqui com os teus olhos claros [que tu estejas aqui com os teus olhos claros!] [...]. Para aliviar o duro fardo dos nossos dias, esta solidão que todos trazemos [...] para desfazer esta sensação de tudo perder [...] só preciso que estejas aqui com os teus olhos claros”, ou seja, com a Tua presença.

Por isso, Dom Giussani insiste: Jesus entrou na história para nos educar, para nos possibilitar um conhecimento verdadeiro do real; porque nós pensamos já saber o que seja a realidade, mas sem Ele o medo nos assalta, como vemos tantas vezes, bloqueamos, e portanto sufocamos nas circunstâncias, no estudo ou nos relacionamentos. Pelo contrário, com Jesus tudo se reabre, e é como se Ele nos dissesse: “Vejam que Eu vim para educá-los na verdadeira relação com o real, naquela atitude certa que lhes permite um olhar novo sobre o real”. Se nós não fizermos esta experiência, ou seja, se a Sua presença não é suficientemente potente para reabrir constantemente a partida, se nós não deixamos entrar constantemente o Seu olhar, a Sua presença, então viveremos a realidade como todos, ou seja, sufocando em todas as circunstâncias.

Só se Jesus entrar, possibilitando um conhecimento novo, é que nós podemos introduzir no mundo um modo diferente de estar na realidade, porque todas as circunstâncias nos são dadas para isso, ou seja, para nos provocar a esse conhecimento novo, para ver o que é Jesus: uma Presença

que nos permite viver a realidade de uma forma diferente, nova. E isso nos faz descobrir que todas as circunstâncias deixam de ser uma objeção, como muitas vezes pensamos só porque não somos capazes de ver a atração que elas carregam; somos de tal maneira definidos pela ferida que reduzimos as circunstâncias pensando já saber o que são e achando que não há nada para descobrir dentro delas, mas que se trata apenas de suportá-las; pensamos que resta somente a nossa tentativa moralista de estar à altura de suportar aquele sufocamento com as nossas forças.

No entanto, se reacontece uma Presença como a que aconteceu a Madalena, o percurso do conhecimento se escancara novamente, porque nós temos muito mais que o “saber” as respostas teóricas a todas as objeções e a todos os desafios; nós temos “a” resposta, mas a resposta não consiste em ter “manuais de instruções” para viver, porque o manual de instruções se fez carne, é uma Presença, o conteúdo é uma Presença, é um Tu, o Tu de Jesus que alcançou Maria Madalena. Como também vemos quando as pessoas que estão ao nosso lado tornam a vida diferente! É por isso que podemos perceber o que aconteceu quando Jesus chamou Maria pelo nome e ela sentiu a Presença que mudou completamente o seu olhar. Porque a verdade é esta relação, como escreveu o Papa Francisco ao jornalista Eugenio Scalfari: “A verdade, segundo a fé cristã, é o amor de Deus por nós em Jesus Cristo. Portanto, a verdade é uma relação” (Francisco. Carta a quem não crê. *La Repubblica*, 11 de setembro de 2013, p. 2). É assim também para a criança, que sabe que não sabe de muitas coisas, mas de uma ela sabe bem: que há o pai e a mãe que sabem, e portanto qual é o problema? Se eu estou certo desta Presença que invade a minha vida, posso enfrentar qualquer circunstância, ferida, objeção, embate, qualquer dificuldade, porque tudo isso me abre a esperar como o Mistério vai Se tornar vivo para me sugerir uma resposta, para me acompanhar a entrar em toda a parte, até na escuridão.

Que diferença na maneira de estar na realidade quando uma pessoa tem perguntas, quando tem questões em aberto, porque é, então, quando se levanta de manhã, quando recita o Angelus, ou escuta um amigo, ou lê o jornal, ou vai para a escola, ou encontra os amigos que a pessoa está toda propensa a descobrir, a interceptar qualquer migalha de verdade que possa vir ao seu encontro em qualquer ocasião! Então, o que a vida pode se tornar? É o que diz um de vocês: “Espera-me um ano bem complicado, academicamente e não só. São duas as urgências que mais sinto nesta altura, duas as coisas que mais me pressionam neste novo ano, que ainda mal começou e já está me preocupando. Primeiro: o estudo. Este ano interessa-me aproveitar o estudo. É grande o desejo de estar seriamente diante do professor e de estudar bem [não apenas para ter boas notas, mas para aproveitá-lo bem], para poder descobrir sempre alguma coisa a mais, alguma coisa que seja interessante para mim, alguma coisa sobre mim [como é diferente a vida, assim!]. Uma descoberta deste gênero também é possível no estudo e é fantástico quando acontece; é fantástico quando você

descobre que justo aquela página ali, aquele autor ali, está falando de você, está com você [Mas para falar de você e estar com você, você tem que estar lá, tem que levar a sério o seu coração, tem que estar lá, presente com todas as suas exigências, porque aquela página, aquele autor, está falando com você!]. A escola pode ser fascinante e eu desejo ardentemente vivê-la de olhos abertos e curiosos para decobri-la e descobrir-me cada vez mais. Então, o problema é a minha fragilidade, a minha fraqueza, a minha incapacidade; caio logo. O desejo é grande, mas caio logo. Como pode o meu desejo levar a melhor sobre o cansaço, sobre o tédio [sobre este decair], que parecem muito mais fortes?”.

“CAMINHAR É UMA ARTE”

Vejam o que o Papa responde para vocês: “Caminhar é uma arte”, dizia aos estudantes das escolas dos jesuítas, “porque, se caminhamos sempre depressa, nos cansamos e não conseguimos chegar ao fim, ao fim do caminho. Ao invés, se pararmos e não caminhamos, também não chegaremos ao fim. Caminhar é propriamente a arte de olhar para o horizonte, de pensar *aonde* quero ir, mas também de suportar o cansaço do caminho. E muitas vezes o caminho é difícil, não é fácil. ‘Eu quero permanecer fiel a este caminho, mas não é fácil, olha: há a escuridão, há dias de escuridão, também dias de fracasso, também dias de queda... uma pessoa cai, cai...’. Mas pensem sempre neste [diz o Papa]: não tenham medo de falhar; não tenham medo das quedas. Na arte de caminhar, o que importa não é não cair [que é o que nos bloqueia, que nos escandaliza], mas não ‘ficarmos caídos’. Levantar-se logo, imediatamente, e continuar a andar. E isso é bom: isso é trabalhar todos os dias, isso é caminhar humanamente. Mas também: é ruim caminhar sozinho, ruim e chato. Caminhar em comunidade, com os amigos, com quem gosta de nós: isso nos ajuda, ajuda-nos a chegar exatamente à meta a que nós temos de chegar” (Francisco. *Discurso aos alunos das escolas geridas por Jesuítas na Itália e na Albânia*, 7 de junho de 2013).

Por isso, não se assustem com sua fragilidade, também as crianças são frágeis, mas nunca se cansam de levantar-se, de se porem de novo a caminho; aos tropeções, mas sempre em luta, sempre em caminho. E então tudo se torna interessante. Outro de vocês diz: “Eu também quero descobrir aquela Beleza com B maiúsculo que vejo transparecer nas pessoas, quero estar diante das perguntas, do ideal contínuo de melhorar. É possível? É possível ser cada vez mais uma coisa só com Cristo?”, que Cristo seja de tal maneira uma coisa só que nos acompanhe no caminho? “Quero que a Sua presença entre definitivamente em mim e eu passe a ser uma coisa só com Ele”. É possível? Sim, é possível, com o tempo. Não é algo instantâneo, não é uma coisa mágica, como acontece também nas relações: as relações exigem tempo para crescer; caso contrário, não seria humano.

A familiaridade com Jesus cresce com o tempo. E como pode crescer? Usando tudo aquilo que acontece em função desta familiaridade. Que cada circunstância seja oportunidade para uma relação com Ele, como nos disse ainda o Papa no Rio: quando temos de enfrentar dificuldades, desafios na vida, “em quem depositamos a nossa confiança?”, interroga-se o Papa. E continua: “Em nós mesmo, nas coisas, ou em Jesus? [É a esta pergunta que cada um tem de responder em todas as ocasiões]. Todos temos, muitas vezes, a tentação de nos colocarmos no centro, de julgar que somos o eixo do universo, de julgar que somos apenas nós a construir a nossa vida ou de pensar que esta pode ser feliz pelas posses, pelo dinheiro, pelo poder. Mas todos sabemos que não é assim! Certamente que o possuir, o dinheiro, o poder, podem proporcionar um momento de embriaguez, a ilusão de sermos felizes, mas, no fim, são esses que nos possuem e nos incitam a ter sempre mais, a nunca estarmos saciados. E acabamos ‘cheios’, mas não alimentados, e é muito triste ver uma juventude ‘cheia’, mas debilitada. [...] ‘Bote Cristo’ na sua vida, deposite n’Ele a sua confiança e você nunca se decepcionará! [Quer crescer na familiaridade com Ele? Coloque Cristo na sua vida, porque só assim poderá verificar quem é Cristo, poderá alcançar uma certeza sobre Cristo, poderá ver se consegue tornar-se uma coisa só com Ele]. Vejam, queridos amigos, a fé realiza na nossa vida uma revolução que podíamos chamar copernicana, porque nos tira do centro e o restitui a Deus; a fé nos imerge no seu amor que nos dá segurança, força, esperança. Aparentemente não muda nada, mas, no mais íntimo de nós mesmos, tudo muda. No nosso coração, habita a paz, a mansidão, a ternura, a coragem, a serenidade e a alegria” (Francisco. *Homilia na festa de acolhimento dos jovens*. Rio de Janeiro, 25 de julho de 2013).

E recentemente, em Cagliari, o Papa Francisco dizia: “Um jovem sem esperança [...] envelheceu antes do tempo! [...] [Há tantos] negociantes da morte [...] que [...] oferecem um caminho para quando estais tristes”. O verdadeiro desafio é “*confiar em Jesus*. [...] Eu não venho para vender-vos uma ilusão [disse o Papa aos jovens]. Eu venho aqui para dizer: há uma Pessoa que te pode levar adiante: confia n’Ele! É Jesus! Confia em Jesus! E Jesus não é uma ilusão! Confiar em Jesus. O Senhor está sempre conosco” (Francisco. *Discurso para o encontro com os jovens*. Cagliari, 22 de setembro de 2013). Vocês querem crescer nesta familiaridade? Confiem em Jesus, entrem na realidade com Ele, porque é isso que nos faz estar sempre presentes no real, que nos faz estar atentos a tudo o que acontece.

“O que é que eu preciso?”, pergunta-se uma de vocês; “ter em mente esta pergunta tem me ajudado a viver cada circunstância e me surpreendi por estar tão atenta”, porque só quando temos perguntas, amigos, é que estamos atentos. “Eu desejo estar atenta a todo o instante.” Só se nós deixarmos as perguntas em aberto, só se não recusarmos os desafios, é que poderemos captar uma resposta em tudo o que nos acontece na vida. Por isso, o nosso caminho é humaníssimo, não é feito

de alucinações ou de “visões”, mas é a participação numa fascinante aventura de conhecimento, que nos faz descobrir cada vez melhor o atrativo que está contido em todo limite, em qualquer dificuldade, porque qualquer objeção ou qualquer circunstância, por muito que doa, tem sempre dentro algo de verdadeiro. É o que temos necessidade de descobrir. Para isso é preciso procurar. Diz ainda um de vocês: “Durante dois anos, eufórico, despreocupado, irritado, procurei consciente e inconscientemente algo existencial para a minha vida, que me parecia ter perdido irremediavelmente. Todavia, o que eu ganhei nesta confusão contínua foi uma tristeza de fundo, que nunca me abandonou, e a noção terrível de eu próprio ter me perdido cada dia mais, de ter perdido a vida vivendo, como diria Eliot. Porém, como diz Chesterton, todos nós temos necessidade de ser encontrados. Eu durante dois anos andava angustiado, não tinha me mexido. Só agora fui regenerado quando, voltando à comunidade, vivendo o encontro com Jesus por meio da companhia dos amigos, senti desfazer-se a confusão dos últimos anos e fui restituído a mim mesmo [Jesus entrou na história, amigos, para nos restituir a nós mesmos!]. E digo ‘Jesus’ porque na relação com o amigo professor, e na relação com outros amigos que conheci durante o verão, fiquei tão maravilhado pela sua forma de estar no mundo, livre, apaixonada, viva, que não pude deixar de surpreender naqueles rostos qualquer coisa mais que humana; algo ‘mais que humano’ [isto é, o divino], passava dentro e através da vida daqueles homens”.

Só assim Jesus se torna presente, continua a nos chamar pelo nome e continua a nos fazer companhia na vida para podermos viver esta aventura sem sermos sugados pelas circunstâncias – quaisquer que sejam –, sem perder a atratividade do viver. Só assim podemos não perder a vida e não viver inutilmente.

Boa aventura, amigos!